

# **JOSÉ MARTI E A FILOSOFIA\***

**Cleusa CAPALBO**

Deptº de Filosofia/IFCH/UERJ

## **RESUMO**

O artigo procura apresentar o pensamento de José Martí, seu amor à justiça e aos homens e sua busca da libertação da opressão, da escravidão. Suas idéias traduzem um humanismo pluralista, cujo sinal distintivo é a espiritualidade e o engajamento.

## **RÉSUMÉ**

Il s'agit de présenter la pensée de José Martí, son amour de la justice, son amour des hommes et sa recherche de libération de l'oppression, de l'esclavage. Ses idées traduisent un humanisme pluraliste, dont le signal distinctif est l'espiritualité et l'engagement.

Não se pode afirmar que na obra de Jose Martí haja uma reflexão filosófica explícita, feita por um cultor ou um pensador nos moldes do que a tradição, desde a antiga Grécia, denominou por filosofia. Jose Martí nasceu em 1815 em Cuba e morreu em 1895, tendo sido acima de tudo um militante político, e um guerrilheiro que lutou na guerra pela libertação de seu país do domínio colonizador da Espanha. Os seus escritos emocionam os seus leitores não só pela pureza que

---

(\*) Comunicação apresentada no Seminário José Martí-UERJ/1992.

neles transparece, mas também pelo seu ardor em prol da justiça, do amor entre os homens, da busca da libertação de toda a forma de opressão, servidão e escravidão humana. Suas idéias expressam um humanista que ele foi face à cultura, à educação, à tolerância e ao pluralismo ético-religioso. A sua espiritualidade e a sua crença em Deus não são vividos de modo tradicional, mas sim com engajamento e comprometimento com o seu semelhante e irmão, pensado a realidade de opressão e de miséria da população pobre e miserável, subjugada secularmente à exploração e à dominação da colonização espanhola. Ele foi, conforme diz Cintio Vitier um verdadeiro precursor da Teologia da Libertação, e, para nós, das verdadeiras diretrizes que se pode obter para a realização de uma filosofia da libertação latino-americana.

Seria ilusório pensar que a leitura de Jose Marti nos faz descobrir a espiritualidade e o humanismo como molas propulsoras de sua ação revolucionária. Não se trata de daí deduzir, logicamente, a sua práxis. Trata-se antes e sim, como diz Vitier, de verificar que somos nós, através de seus escritos, que somos humanizados. É Jose Marti "quem pode humanizar-nos, fazer-nos mais homens, criaturas mais humanas(...), capazes de viver e morrer pelos homens<sup>1</sup>:

Não se pode desvincular as idéias de Jose Marti de sua espiritualidade, entendida esta não como uma prática formal da religião católica, mas entendida sim, para ele, como a entre a do dom de sua vida à história da libertação cubana, pois para ele a história tem sentido, tem um significado em direção à conquista da plenitude humana. Os homens se unem para a luta secular e dolorosa da libertação e da implantação da justiça contra toda forma de escravidão.

As idéias de Jose Marti foram retomadas e reexaminadas no século XX no confronto de teses marxistas, feitas principalmente pelos revolucionários cubanos, continuadores de sua luta. Nós não iremos desenvolver esta linha de reflexão filosófica que daí se depreende. O que nós queremos examinar são origens, do que hoje chamamos de filosofia da libertação, presentes nas idéias de Jose Marti.

Jose Marti cursava o terceiro ano do bacharelado no Colégio San Pablo, quando foi preso e condenado a seis anos de trabalhos forçados, devido a sua participação no levante armado de 10 de outubro de 1868 contra o colonialismo espanhol. Teve a pena comutada pois os

seus pais venderam tudo o que possuíam, para pagar às autoridades espanholas locais a sua liberdade e deportação, ocorrida em 1870, para a Ilha de Pinos e daí para Madri. Em 1871 escreve um livro comovente "El Presidio Político em Cuba"<sup>2</sup>. Nele são narradas as condições em que homens e até crianças viviam naquele horror de prisão. Presos e acorrentados por ferros, apanhando e trabalhando, mal alimentados, dormindo no chão, todos os que entravam neste presídio saíam mortos. Mas, o que mais surpreende neste livro é ver que ele pensava poder sensibilizar a Espanha pelo que se fazia em Cuba, no presídio, em nome do Governo espanhol, apelando para o verdadeiro espírito de nobreza e para a idéia de Deus presente nos homens, noções tão caras àqueles que tudo faziam em nome do Rei e da glória de Deus.

Jose Marti ao pintar o quadro de horror que era vivido no presídio cubano, não pede à Espanha que autorize a independência a Cuba ou que repare "alguns de seus mais lamentáveis erros"; o que ele pede é que "sejais humanos, que sejais justos, que não sejais criminosos sancionando um crime constante, perpétuo, ébrio, acostumado a uma quantidade diária de sangue" ali derramado<sup>3</sup> "Por que sois tão injustos e tão cruéis"? É em "nome do amor, em nome do bem supremo que é Deus; é em nome da justiça, suprema verdade, que eu exijo compaixão para os que sofrem no presídio, alívio para sua sorte imerecida, escarnecida; ensanguentada, vilipendiada"<sup>4</sup>. José Marti apela para os direitos humanos, não de forma abstrata, mas concreta, por ter igualmente vivido na própria carne a injustiça e o trato do homem como objeto e não sujeito, como coisa animal e não pessoal. Só o homem enquanto pessoa foi feito à imagem e semelhança de Deus. Por isto diz Marti: quando os guardas do presídio "golpeiam na cabeça", no "corpo coberto de chagas", "esquecem que neste homem Deus está presente". Para ele o martírio pela pátria é martírio revivido do próprio Cristo, enquanto busca do bem e da generosidade universal<sup>5</sup>. Para Marti, somente no reconhecimento dos erros cometidos pelos espanhóis em Cuba é que poderia residir a verdadeira e legítima honra tão apregoada como um valor pela nobreza espanhola.

No "Manifesto de Montecristi", de 25 de março de 1895, Jose Marti define "um novo período bélico da revolução da independência", iniciada em Yara e em Guaimaro, após uma preparação gloriosa e

cruénta<sup>6</sup>. Ele vai para as montanhas Cubanas organizar a revolução pela independência da colonização espanhola.

Jose Marti mostra, em outros escritos que os espanhóis e demais europeus, além de saquearem a riqueza e o patrimônio cultural da América, afirmavam ser a origem de toda cultura proveniente do Velho Mundo europeu. Para Marti nada é mais absurdo. Ele defende a tese da autonomia e da originalidade das culturas americanas, já existentes quando os europeus aqui chegaram. Sustenta ainda que os latino-americanos serão capazes de desenvolver uma civilização original e distinta dos colonizadores. A história da América Pré-Colombiana não pode ser estudada a partir dos "arcontes da Grécia", diz Jose Marti. E por Grécia ele se refere a tudo que daí advém: a Europa e a cultura ocidental da ciência, da técnica, da filosofia e de um padrão de beleza artística. É sob o manto de difusão da cultura universal do mundo ocidental que se ocultam todas as modalidades de colonialismo. O que se quer é fazer uma América europeia, expressão máxima de glorificação do Conquistador. Estas idéias de Jose Marti não são válidas apenas para a época em que ele lutou pela independência Cubana. Elas têm um valor que transcende o "chronos" de seu momento histórico objetivo, pois se insere no "Kairos" do tempo universal, ou seja, em todos os momentos em advém esta postura de dominação e de colonização, revestidas de roupagens novas e de conteúdos históricos objetivos.

Para Jose Marti a conquista espanhola, que se relembra agora em seus 500 anos, foi feita de tal forma que levou a injustiça a se instaurar e se estruturar na "civilização devastadora", nesta civilização de opressão e de destruição cultural.

Nós sabemos que desde o século XVI surgiram polêmicas sobre os povos indígenas encontrados pelos conquistadores. Jose Marti conhece tal matéria e as menciona. Os apologistas da conquista e da hispanidade enquanto missão evangelizadora e de processo civilizatório, buscam sua sustentação teórica na ciência. É assim que por volta de 1750, Buffon e Cornelius, proclamaram a "inferioridade biológica da América em relação ao Velho Mundo"<sup>7</sup>. Jose Marti procura destruir este mito racista e esta calúnia europeia. Assim, diz ele: "não há superioridade racial, pois todas as raças têm o espírito essencial ao homem, que os iguala e unifica"<sup>8</sup>.

A superioridade técnica dos espanhóis à época das descobertas e conquistas, possuidores de armas de fogo e de armaduras metálicas lutando contra flexas dos índios não quer dizer verdadeiramente uma superioridade dos europeus. Para Jose Marti a força invencível radica principalmente e sobretudo nos povos oprimidos, mesmo quando estes a vivenciam silenciosamente. O que causou a morte dos índios, segundo Marti, foi a sua desunião. É da união que depende a nossa vida e a nossa força, escreve ele. Assim, continua: "Pizarro conquistou o Peru quando Atahualpa guerreava em Huáscar; Cortés venceu em Cuauhtémoc por que Xiccotencatl lhe ajudou neste empreendimento; Alvarado entrou na Guatemala porque os Quichés cercavam os Zutujile"<sup>9</sup>.

Hoje os índios estão na miséria, vivem na tristeza, na apatia, no sofrimento calado, como resultado do que lhes foi retirado e privado, pois outrora estes índios foram criadores de cidades, foram governantes, guerreiros, arquitetos, artistas e poetas<sup>10</sup>. Não se quer hoje, dar-lhes um tratamento melhor numa tentativa de prática humanitária paternalista; o que eles necessitam é de respeito e solidariedade. Já no século XVI Frei Bartolomeu de Las Casas criticara os maus tratos e a escravidão dos índios a que os espanhóis os submetiam. Mas esta etapa teológica, humanitária e até certo ponto política, em nada resultou.<sup>11</sup>

Sem união e sem revolução não há libertação. Com efeito, Marti diz que a revolução não deve ser movida pelo ódio, mas pelo amor, pois só este constrói e liberta. "Pensar é servir. Conhecer é agir. A liberdade e a inteligência são a natural atmosfera do homem. O ódio não constrói. Só o amor liberta e constrói".<sup>12</sup>

Este conceito de "natural" aparece em diversas passagens da obra de Jose Marti. Vejamos mais uma delas e qual o significado que dai poderemos depreender.

Em 2 de maio de 1895 ele escreve no jornal New York Herald advertindo contra "um poder estranho que se prestasse a entrar intrusamente na natural luta doméstica da Ilha(Cuba) favorecendo a sua classe oligárquica e inútil contra a sua população matriz e produtora". Trata-se da possibilidade de intrusão dos Estados Unidos na "natural luta" entre uma oligarquia e o povo, prevista por ele para a República. Quanto ao conceito de "natural luta" se entende, de modo geral, a aceitação do curso da luta sócio-política que, no conjunto das coisas tal

como elas existem, deveria se desenvolver sem intervenção externa. A este estado natural se opõe, portanto, a idéia de intervenção. No entanto, para Jose Marti o estado natural não se entende numa perspectiva naturalista, ou seja, em que o homem se compreende como uma natureza dada e inata. O homem se faz, se constitui, se constrói na luta efetiva e no seio concreto da história. O ser natural significa ser força que produz resultados. Podemos dizer que este conceito se aproximaria, numa interpretação atual, da idéia grega de "physis" enquanto produzir, engendrar, crescer, nascer, formar-se. A natureza tem a força em si mesma, ela realiza o movimento pelo qual chegará a ser o que é no curso de seu desenvolvimento. O conceito de "physis" indica, ainda, o próprio processo pelo qual se dá a emergência, o nascimento das coisas no mundo. Assim sendo, natural, no pensamento de Jose Marti, designa tanto a terra cubana, com os seus animais, pássaros, árvores, plantas e riquezas minerais existentes em seu solo, quanto designa o homem e a sua história humana. Natural é o originar-se do ser e do devenir, é evento histórico e também o advento ou erupção de Cuba como Ser Histórico, nação livre que surgirá no cenário do mundo. Não há para Jose Marti dicotomia entre natureza e existência humana, entre natureza e história, tal como não havia para a compreensão de "physis" nos pré-socráticos. Quando ele fala de natural ele se refere ao nascimento da nação cubana que em seu "brotar" requer a independência. O natural que aparece é com efeito a própria aurora de Cuba enquanto ser que desabrocha, em sua consciência histórica, pela luta contra o colonialismo, ou ainda é o desabrochar que faz a aparição ao no cenário mundial na luta pela libertação.

Jose Marti merece ser estudado e reexaminado como um clássico da filosofia política latino-americano, onde se encontram as origens do que hoje chamamos de filosofia da libertação latino-americana. Com isto queremos dizer que não nos importa só o significado presente em sua obra, mas sim o entendimento de que ele é um significante que conduz sempre o pensamento ao momento da verdade nascente, a um novo começo. É por esta razão, dentre outras, que o seu pensamento é atual e nos convida a pensar sobre as novas formas de colonização presentes e atuantes hoje na América Latina.

A luta revolucionária significou para Jose Marti o mesmo que Maurice Merleau-Ponty dirá, mais tarde, sobre a guerra da Argélia na

busca de sua independência do domínio francês: recusa da opressão, combate contra as potências visíveis, onde ela se encarna, e, no caso atual, o Estado Colonizador face aos colonizados, o Poder Burguês face às massas sem poder, o proprietário empresarial face ao trabalhador, o monopólio face ao consumidor<sup>13</sup>.

Esta luta contra a opressão e a dominação não acabou com a independência dos países ou das nações, Ela continua revestida de nova forma, numa escravidão mais sutil de um assalariado que, no sistema industrial, no modo de produção capitalista, continua oprimido pela ideologia difundida de que o contrato de trabalho se faz de modo livre para o trabalhador.

A sociedade industrial, conforme caracterizou Saint-Simon no século XIX, consiste em organização racional, despersonalização funcional, interdependência das funções; planificação e divisão do trabalho bem como programação da produção. Augusto Comte elaborou um sistema político-social de tipo autoritário, nutrindo a idéia de que só assim poderia haver ordem e progresso. Herbert Spencer, inspirado do evolucionismo biológico, elaborou um sistema político-social, em que na luta do indivíduo contra o Estado, haveria a vitória do individualismo. Proudhon viu na justiça o alicerce do progresso social. K. Marx acrescentou que a justiça só se faria se houvesse uma mudança estrutural nas relações de produção que viesse a acabar com as injustas relações sociais. E. Durkheim quis dar aos estudos da sociedade o caráter da ciência positiva, de tipo empírico-racional, e para tal escreveu "As Regras do Método Sociológico". Na esteira destas idéias a chamada economia de mercado se fortalece e se generaliza no século XX. Esta economia de mercado se impõe como uma luta de morte entre grupos financeiros, nacionais e internacionais, espalhando a morte pela fome, pela guerra, pelo desemprego em todo o mundo, nesta sociedade de massa voltada para o consumo de bens que, em muitos casos, só a elite pode usufruir. Lembremo-nos de Auschwitz, Desdre, Hiroshima, a guerra do Vietnã; a fome que leva à morte prematura de multidões em Biafra, Somália, em certas regiões da Índia e na América Latina.

Os temas da paz e da concórdia, do amor e da liberdade, ocultados em seu valor por tais práticas verdadeiramente bárbaras,

foram profeticamente ante-vistas por Jose Marti em sua crítica dos imperialismos.

Sem uma verdadeira revolução que redimensione o sentido da ciência e da técnica, bem como das relações humanas como relações entre sujeitos, e não mediatizados por relações anônimas e impessoais, não se alcançará o "novo homem". É a esperança dessa possibilidade, a coragem para a sua efetivação, que marcará a importância do amor, do dom gratuito de si, do qual a vida de Jose Marti foi um exemplo.

A comemoração, neste ano de 1992, da descoberta da América por Colombo nos faz pensar, como já o dissera Giordano Bruno, que os conquistadores vieram perturbar "a paz dos outros", juntaram "seus vícios a outros vícios", propagaram "novas loucuras".<sup>14</sup> Colombo contribuiu para que o império hispânico em sua expressão, virtualmente universal, promovesse um verdadeiro genocídio desta outra humanidade ameríndia. Esta visão imperialista universalizante, ainda hoje é propugnada como verdade científica e tecnológica com pretensões totalizantes.

A reflexão fragmentária, pouco tematisada, face às exigências da práxis revolucionária, levaram Jose Marti a fazer uma crítica veemente, original e atual, do processo de conquista colonial.

Esta conquista era justificada pelos colonizadores na medida em que se acreditavam com o direito à terra Conquistada e investidos de uma missão civilizatória. Permite ainda que a crítica se aplique nos prolongamentos e nos caminhos do imperialismo na América Latina. Portanto isto podemos afirmar que Jose Marti foi o verdadeiro precursor da filosofia da libertação latino-americana.

## NOTAS

- (1) Vitier, Cintio - **Algunas reflexiones em torno a Jose Marti**. Palácio de Las Convecones de Cuba. 7 a 10 de abril de 1992. Texto mimeografado, pagina 2.
- (2) Marti, Jose - **El Presidio Político en Cuba**. Textos Martianos Breves Centro de Estudios Martianos, La Habana, Cuba, 1991.
- (3) Marti, Jose - op. cit., p. 18
- (4) Ibid, p. 19
- (5) Ibid, p. 36

- (6) Martí, Jose - **Manifiesto de Montecristi. El Partido Revolucionário Cubano a Cuba**. Centro de Estudos Martianos. Ed. de Ciências Sociais, La Habana, 1985, pp. 2 e 28.
- (7) Vitier, Cintio - op. cit.
- (8) Martí, Jose, Los codigos Nuevos, p. 98. Centro de Estudios Martianos.
- (9) Martí, Jose - **El Índio de nuestra América**. Coleccion Textos Martianos. Centro de Estudos Martianos. Ed. Casas de Las Américas, La Habana, 1985, p. 74.
- (10) Martí, José - op. cit., **Apuntes Varlos**.
- (11) Ibid., p. 31.
- (12) Ibid., p. 87.
- (13) Merleau-Ponty, Maurice - **Signes**, Paris, Gallimard, 1960, p. 408 e seguintes.
- (14) Bruno, Giordano - **Cena**, Opere Italiane, tomo I, Bari, 1925, p. 96.